

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 67

PORTUGUÊS 10.º ANO

Tema 15: Outros textos Subtema 1: Relato de viagem



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Viajar não basta para escrever um relato de viagem. É preciso observar, interpretar e dar sentido ao que se encontra pelo caminho.

Neste guião, vais descobrir como diferentes autores transformam as suas viagens em textos e quais são as marcas deste género textual.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO ORALIDADE:

- Interpretar textos orais (...).
- Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.
- Produzir textos adequados à situação de comunicação, com correção e propriedade lexical.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade dos géneros seguintes: relato de viagem (...).
- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Analisar a organização interna e externa do texto.
- Clarificar tema(s), ideias principais, pontos de vista.
- Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto.
- Interpretar o sentido global do texto e a intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas.

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Planificar o texto a escrever, após pesquisa e seleção de informação pertinente.
- Redigir o texto com domínio seguro da organização em parágrafos e dos mecanismos de coerência e de coesão textual.
- Editar os textos escritos, em diferentes suportes, após revisão, individual ou em grupo, tendo em conta a adequação, a propriedade vocabular e a correção linguística.



COMO VOU APRENDER?

GTA 67: Onde me pode levar este texto?

GTA 68: Vale a pena falar de viagens?

Tema 15: Outros textos

Subtema 1: Relato de viagem



GTA 67: Onde me pode levar este texto?

Objetivos:

- Reconhecer as características do relato de viagem enquanto género textual.
- Identificar a articulação entre descrição, narração e reflexão.
- Analisar o modo como o narrador constrói e comunica o seu olhar sobre lugares, pessoas, culturas e experiências vividas.
- Reconhecer recursos linguísticos e expressivos que tornam a experiência vivida significativa para o leitor.

Modalidade de trabalho: individual e em pequenos grupos.

Recursos e materiais: caderno e *internet*.

ETAPA 1 – Pré-leitura | Relato de viagem

Uma editora está a preparar uma nova coleção de textos de relato de viagem e pediu a tua colaboração na escolha do texto de abertura. Recebeste quatro textos sobre o mesmo destino e **deves recomendar** aquele que consideras mais adequado para abrir a coleção.

Abre a ligação para o *e-mail* que a editora te enviou, **lê** os textos e **decide** qual recomendarias, fundamentando a tua escolha.



[E-mail da editora com ficheiros dos textos.](#)

Partilha depois com os colegas a tua decisão e os argumentos que a sustentam.

Em conjunto, **registem** as razões que consideram mais sólidas.





ETAPA 2 – Leitura orientada | Relato de viagem

Distribuem os textos **A**, **B** e **C** (nas páginas 5, 6 e 7) pelos alunos, garantindo que, aproximadamente, um terço da turma trabalha cada um dos textos.

Segue as três fases do trabalho.



1.ª fase | Leitura Individual

Lê atentamente o texto que te foi atribuído e **resolve**, no caderno, as questões de leitura 1 a 5.



Consulta num dicionário o vocabulário ou as referências que desconheces. Para facilitar a compreensão, **escuta** a leitura gravada disponível no código QR junto a cada texto.

1. Onde te levou este texto?

Identifica o lugar ou os lugares percorridos e descreve, de forma breve, o percurso realizado pelo viajante.

2. O que procurou o viajante descobrir durante o percurso?

Explica, com base no texto, o que despertou o interesse do viajante e orientou o seu olhar.

3. Que imagem do lugar visitado constrói este relato?

Integra diferentes informações do texto e justifica a tua resposta com exemplos.

4. Como constrói o autor essa imagem do lugar, das pessoas ou da experiência vivida?

Seleciona uma passagem particularmente expressiva e explica de que modo a linguagem utilizada contribui para essa imagem.

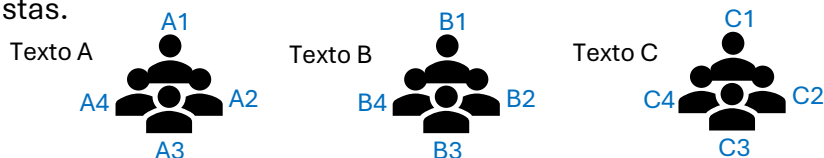
5. Que efeito teve este relato em ti enquanto leitor?

Refere a impressão ou emoção que mais te marcou e explica que elementos do texto contribuíram para esse efeito.



2.ª fase | Grupos de especialistas

Reúne-te com três colegas que leram o mesmo texto, formando um grupo de especialistas.

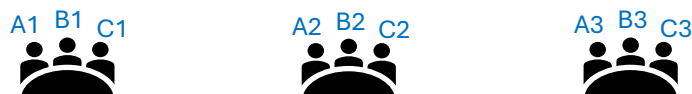


Comparem a resolução das questões, **discutam** diferentes interpretações e/ou **identifiquem** conclusões comuns sobre o texto.



3.ª fase | Partilha entre especialistas:

Formem novos grupos de três alunos, mas desta vez com um especialista em cada texto.



Partilhem, à vez, as principais conclusões sobre cada texto.

Depois de conhecerem os três textos, **procurem responder** à questão:

➤ *Que características permitem identificar estes textos como relatos de viagem?*

Registem as vossas conclusões, fundamentando-as com exemplos concretos.



Ninguém poderá alguma vez dizer que viu a Cidade do México. Quando a começamos ver, calamo-nos, e depois nunca mais acabamos de a ver. [...] Às seis da tarde parece Inverno. Mas não é Inverno, é a estação das chuvas. O Verão começou ontem. O chão brilha. [...]

Tanta gente junta mete medo. [...]

Mas como acaba de chover, o ar parece limpo e até se vê o céu. Então, à medida que o táxi avança entre velhos carochas, começa a tomar-me a estranha sensação de que serei convertida por esta cidade. Na nebulosa que é um lugar à distância imaginei-a caótica e cruel. [...]

O meu albergue fica em frente de um antigo cinema transformado em livraria, o que é bom porque os albergues nunca são como nas fotografias, e este não é exceção. O quarto tem uma janela para um saguão e uma cama de espuma. [...]

Acordo às 4 h na Cidade do México porque na Europa são 10 h. [...]

Às oito atravesso o patamar e sento-me na receção, que também é sala de estar, de *internet* e de pequeno-almoço. [...]

A estação das chuvas na Cidade do México tem uma rotina: só chove ao fim da tarde. Foi o que me explicaram. E o céu está de acordo.

Antes de me meter no metro quero espreitar o tal ex-cinema aqui em frente que agora é a livraria Rosario Castellanos. [...]

A minha estação de metro chama-se Patriotismo. [...]

Então desço as escadas, como se descesse ao submundo dos aztecas de agora, os incontáveis milhões que percorrem todos os dias as entranhas da cidade e, quando a corrente espessa e quente me apanha, deixo-me ir, sem pé. Um místico chamaria a isto o êxtase da dissolução. A humanidade a convergir por baixo da terra, pele com pele.

Aqui faz calor e a religião não tapa. Os mexicanos têm muito corpo, sempre a sobrar.

E há ventoinhas que nos borrifam com água. Os letreiros são dos anos 70, descomunais. [...]

Nunca me senti tão alta entre tantas cabeças escuras, índios ou misturados de índios: os pobres. Só tenho uma palavra, e repito-a atónita, porque não me lembro de ter sido levada assim de enxurrada por um país. Comovente. O México é comovente. Se alguém falar comigo agora desato a chorar. [...]

E, como tanta gente, eu mudo na estação de Chabacano, atravesso viadutos, corredores, átrios de música e fritos, e apanho a linha azul para a praça onde há 500 anos reinavam os aztecas.

Alexandra Lucas Coelho (2010). *Viva México*. Tinta da China.

[Gravação de uma leitura do excerto de *Viva México*, de Alexandra Lucas Coelho.](#)





O viajante está no largo da Sé, olhando a cidade. É manhã cedo. Veio aqui para escolher caminho, decidir um itinerário. A Sé ainda está fechada, o paço episcopal parece ausente. Do rio vem uma aragem fria. O viajante deitou contas ao tempo e aos passos, traçou mentalmente um arco de círculo, cujo centro é este terreiro, e achou que quanto queria ver do Porto estava delimitado por ele. Não tem, em geral, assim tantas preocupações de rigor, e provavelmente virá a infringir esta primeira regra. No fundo, aceita os princípios básicos que mandam dar atenção ao antigo e pitoresco e desprezar o moderno e banal. [...] Tem o viajante, quem diz este, diz outro, a boa justificação de ser de belezas e grandezas a sua busca. Busque então, com a ressalva de não esquecer que no mundo não faltam fealdades nem míseras coisas.

Por estar fiando estes pensares é que decidiu começar a sua volta descendo as Escadas das Verdades, aquelas que por trás do paço episcopal vão descendo, em quebra-costas, para o rio. [...] Por estas encostas andam subindo e descendo gentes desde os tempos do conde Vímara Peres. O rio está no seu mesmo lugar, apertado entre as pedras de cá e as pedras de lá, entre Porto e Gaia, e o viajante nota como também entre pedras estes degraus foram abertos, como as casas foram aos poucos empurrando as penedias ou acomodando-se entre elas. Descem com o viajante regueiros de águas sujas, e, agora que a manhã se abriu por completo, vêm mulheres lavar aos tanques que estão nos patins, e as crianças jogam ao que podem. Há grandes flâmulas de roupa estendida alta nos prédios que puderam crescer até ao primeiro andar, e o viajante sente-se como se descesse uma escadaria triunfal, como se fosse Radamés depois da batalha contra os Etíopes. Aqui em baixo é a Ribeira. O viajante passa sob o arco da Travessa dos Canastreiros, boa sombra para o Verão, mas agora gélida passagem, e durante meia manhã andar por este Bairro do Barredo, a ver se aprende de vez o que são ruas húmidas e viscosas, cheiros de fossa, entradas negras de casas. Não ousará falar a ninguém. Leva ao ombro a máquina fotográfica, de que não se serve. Sente nas costas o olhar dos que o vêem passar, ou tudo isto será sua impressão, talvez seja dentro de si mesmo que alguém o está olhando curiosamente. Quando as ruas se alargam um pouco, o viajante mira os andares altos: deixou de ser Radamés, é um estudioso que examina a curiosa questão urbanística da largura das janelas que nesta cidade ocupam, lado a lado, toda a largura das fachadas. Lá mais para cima, na Rua Escura, que contraditoriamente se ilumina ao abrir-se para os degraus que dão acesso ao terreiro da Sé, há um mercado popular, desses de levante. [...]

A Rua Escura é um pedaço de arco-íris, e de todas as janelas pendem roupas a secar, arcos-da-velha e arcos-da-nova que tudo aquilo lavou.

José Saramago (1995). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.

Gravação de uma leitura do excerto de *Viagem a Portugal*,
de José Saramago.





A caminho de Comodoro Rivadavia atravesssei um deserto de pedras negras e fui ter a Sarmiento, outra aglomeração de edifícios metálicos construídos numa faixa de terra arável, entre as águas azul-turquesa do lago Musters e o verde-lodo do lago Colhué Huapi.

Saí da cidade em direção à floresta petrificada. Moinhos de vento giravam loucamente. [...]

Um grande número de bóeres habitava nos arredores de Sarmiento e costumava encontrar-se no Hotel Orroz para almoçar. [...]

Mas o cidadão mais célebre da cidade era o lituano Casimir Slapelič. Fora ele quem encontrara, há cinquenta anos, o dinossauro no desfiladeiro. Hoje, desdentado, calvo e com oitenta e tal anos, era um dos aviadores mais idosos do mundo. [...]

O vento tinha-lhe polido o nariz e dado uma coloração lilás-pálida. Fui dar com ele sentado à mesa a comer a sopa *bortsch* à concha. Tinha o quarto arranjado de forma alegre, versão báltica, com reposteiros às flores, sardinheiras, diplomas de acrobacia aérea e uma fotografia de Neil Armstrong autografada por ele. [...]

Casimir Slapelič era um prodígio. Numa ocasião tinha tentado ser homem-pássaro. Agora queria viajar até à Lua.

— Irá comigo no meu avião.

— Talvez.

— Sobrevoaremos o Deserto Pintado.

Fazia uma ventania dos diabos. Notei, enquanto ele guiava o Moskva, que as suas pernas, arqueadas como um arco perfeito, não controlavam bem os pedais.

— É melhor não andarmos de avião — disse eu.

— Então vou levá-lo a visitar a minha irmã. Possui uma coleção de pontas de flecha índias.

Aproximámo-nos de uma vivenda de cimento e atravessámos a pé o jardim até à porta das traseiras. [...]

A irmã tinha um rosto curtido indicando uma idade avançada. Pertencia a um exclusivo grupo de senhoras de Sarmiento, as arqueólogas. Não eram bem arqueólogas, mas colecionadoras de antiguidades. Passavam as cavernas e as margens do lago a pente fino, à procura de relíquias dos antigos caçadores. [...]

Naquela tarde, a exilada báltica «recebia» uma galesa. A visita examinava os tesouros que a sua desprezível concorrente desembrulhava, mas o seu olhar cobiçoso traía as suas observações condescendentes. [...]

— Mas a minha coleção é melhor — disse a galesa.

— É maior, mas não tão bonita — replicou a lituana.

— Vou vendê-la à presidenta e há de ser exibida no Museu Nacional.

— Se ela a comprar — disse a outra.

Casimir Slapelič estava farto. Saímos para o jardim.

— Coisas de mortos — disse-me. — Não gosto nada.

— Nem eu.



Bruce Chatwin (1980). *Na Patagónia*. Lisboa: Quetzal Editores.

[Gravação de uma leitura do excerto de *Na Patagónia*, de Bruce Chatwin.](#)



ETAPA 3 – Pós-leitura | Sistematização

Em plenário de turma, **completem** a tabela de sistematização do gênero textual relato de viagem com base na análise dos textos.

Infirmam as marcas características de um relato de viagem com base em exemplos concretos dos três textos.

Categorias de análise	Marcas definidoras do gênero relato de viagem + Exemplos dos textos A, B e C
1. Produtor textual (papel social) e Recetor/destinatário	- Narrador-viajante (jornalista, escritor, turista) que relata uma (a) que viveu (b). Exs.: A: A. Lucas Coelho; B: «o viajante»/Saramago; C: B. Chatwin. - Leitor interessado em lugares, culturas e experiências (vivas por outro).
2. Objetivo	Não só informar sobre o lugar, mas transmitir (c)
3. Tema	Encontro do viajante com lugares e culturas. Exs.: (d)
4. Tipos de sequências textuais (descritivas, narrativas, explicativas, dialogais....)	- Essencialmente, sequências (e): Exs.: do táxi ao metro até à praça final; a descida das Escadas das Verdades até à Rua Escura; a visita a Casimir e depois à irmã. - Mas também, sequências descritivas: Exs.: (f) - Por, vezes, sequências (g): Exs.: A - explicação sobre a estação das chuvas; B - reflexão inicial sobre o que é "escolher um itinerário"; - E, menos frequentemente, sequências (h): Exs.: diálogos no Texto C
5. Pessoa(s) gramatical(ais) e Marcas de subjetividade	Predomínio da 1.^a pessoa e discurso que exprime impressões, sentimentos e juízos de valor do narrador-viajante sobre o que observa; Exs.: (i)
6. Tempo(s) verbal(ais) que predominam	Predomínio de verbos no (j) e no presente histórico. Exs.: A e B: (k) , em que o presente dá vivacidade e realismo a eventos do passado; C: (l) , no pretérito perfeito.
7. Localizadores espaciais	Expressões que situam o narrador no espaço Exs.: (m)
8. Localizadores temporais	Expressões que situam momentos da ação/viagem. Exs.: (n)
9. Modalidade e valores modais	Palavras/expressões de probabilidade, certeza ou apreciação, que revelam a atitude do narrador em relação ao que diz. Exs.: (o)



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 2 – Leitura orientada | Relato de viagem

Cenários de resposta:

TEXTO A

1. O texto leva-nos à Cidade do México, acompanhando a narradora num percurso urbano do exterior para o interior da cidade: o trajeto de táxi à chegada, o albergue, perto de uma livraria, e depois o metro — da estação Patriotismo até à estação de Chabacano, terminando numa praça histórica ligada aos astecas.
2. Procura confirmar ou desfazer a imagem prévia que tinha da cidade («imaginei-a caótica e cruel»). Interessa-se pela experiência direta sensorial e emocional: a textura da vida quotidiana (o clima, os cheiros, a azáfama do metro, os corpos das pessoas), mais do que monumentos ou pontos turísticos específicos. Evolui de uma postura observadora cautelosa para uma imersão física e emocional.
3. Constrói-se a imagem de uma cidade intensa, sensorial e humanamente avassaladora — um lugar que produz em quem a visita uma espécie de comoção emocional e física.
4. Constrói essa imagem através de comparação e metáfora, vocabulário sensorial e valorativo. Por exemplo, na repetição do adjetivo "comovente", a brevidade sintática condensa a intensidade emocional, ou em «Então desço as escadas, como se descesse ao submundo dos aztecas (...) o êxtase da dissolução.», comparação e metáfora transformam a viagem de metro numa experiência intensa e simbólica.
5. Resposta pessoal.

TEXTO B

1. O texto leva-nos ao centro histórico do Porto, levando o leitor num percurso que começa no Largo da Sé, desce pelas Escadas das Verdades até à Ribeira, passa sob o arco da Travessa dos Canastreiros, no Bairro do Barredo e sobe até à Rua Escura. É descendente (da Sé até ao rio) e depois ascendente.
2. O viajante procura, antes de mais, decidir um itinerário ("traçou mentalmente um arco de círculo") e delimitar o que vai visitar («o antigo e pitoresco»). Esse interesse transforma-se, passando o interesse para observar de perto a vida quotidiana do bairro — as ruas, os cheiros, os gestos das pessoas —, a história e o urbanismo.
3. Constrói-se a imagem de uma cidade antiga e cheia de vida, onde a história (o conde Vímara Peres, a Sé) convive com o quotidiano popular (mulheres a lavar roupa, crianças, o mercado). É uma imagem de contrastes: grandiosidade (a comparação com Radamés) ao lado de uma realidade crua (ruas húmidas, cheiro a fossa) — a beleza convive com a degradação.
4. A oscilação entre registos (épico/quotidiano) é a marca mais distintiva da imagem construída. É visível na comparação do viajante, ao descer a escadaria, a Radamés depois da batalha contra os Etíopes — um gesto banal elevado a momento épico, o que reforça a ironia do texto. A ironia é reforçada pelo uso da 3.^a pessoa, fingindo um distanciamento que o discurso, na verdade, não tem: é intimamente subjetivo.
5. Resposta pessoal.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

TEXTO C

1. O texto leva-nos à Patagônia argentina, acompanhando o percurso do viajante desde Comodoro Rivadavia até Sarmiento, passando pela floresta petrificada, e centrando-se no encontro com Casimir Slapelič e na visita à casa da sua irmã.
2. O viajante procura conhecer as pessoas, as suas histórias e as singularidades culturais daquele lugar. Mais do que a paisagem, interessam-lhe os encontros com personagens invulgares e as histórias que elas têm para contar naquele território isolado.
3. O relato constrói a imagem de um lugar remoto, surpreendente e cheio de personagens e histórias excêntricas (o dinossauro, o avião, as coleções de antiguidades), onde a paisagem, a história e as pessoas tornam a viagem única e inesperada. Valoriza mais o retrato humano do que a descrição do espaço físico.
4. O autor recorre sobretudo ao diálogo direto e à ironia. Por exemplo, o confronto entre a lituana e a galesa ("Mas a minha coleção é melhor" / "É maior, mas não tão bonita") revela, através do próprio discurso das personagens, a rivalidade e a vaidade, sem necessidade de comentário do narrador — a caracterização faz-se pela voz das personagens, não pela descrição.
5. Resposta pessoal.

ETAPA 3 – Pós-leitura | Sistematização

Cenários de resolução:

1. (a) viagem; (b) pessoalmente.
2. (c) impressões pessoais e experiências vividas.
3. (d) A: metro, clima, bairros, da Cidade do México; B: lugares históricos e populares do Porto; C: pessoas da Patagônia.
4. (e) narrativas; (f) A: «água verde-escura», descrição da multidão no metro; B: «ruas húmidas e viscosas, cheiros de fossa»; C: o retrato físico de Casimir Slapelič; (g) explicativas; (h) dialogais.
5. (i) A e C: 1.^a pessoa; B: 3.^a pessoa ("o viajante") é uma estratégia retórica de criar objetividade com ironia, própria do estilo do autor; Expressões como: "Comovente. O México é comovente"; a comparação irónica com Radamés; "Coisas de mortos [...] Não gosto nada".
6. (j) Pretérito (perfeito e imperfeito) ou presente histórico ou narrativo; (k) «Então desço as escadas» ou «o viajante está»; (l) «atravessei um deserto».
7. (m) A: «aqui em frente»; B: «Aqui em baixo é a Ribeira».
8. (n) A: «Acordo às 4h»; B: «É manhã cedo»; C: «Naquela tarde».
9. (o) A: «Comovente» (apreciativo); B: «talvez seja dentro de si mesmo» (epistémico com valor de possibilidade); C: «o cidadão mais célebre da cidade era o lituano» (epistémico com valor de certeza).



O QUE APRENDI?

Já **sabes** onde te podem levar estes textos?

És capaz de:

- reconhecer as características do relato de viagem enquanto género textual?
- identificar a articulação entre descrição, narração e reflexão?
- analisar o modo como o narrador constrói e comunica o seu olhar sobre lugares, pessoas, culturas e experiências vividas?
- reconhecer recursos linguísticos e expressivos que tornam a experiência vivida significativa para o leitor?

Ainda **tens dúvidas**?

Sugestão:

Revê a caracterização do género textual que estudaste consultando o documento «Relato de Viagem», de Ana Silveira, e **realiza** o percurso didático nele proposto.



[Silveira, A. \(2019\). «Relato de viagem». In A. Coutinho & N. Jorge \(Cords.\), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* \(pp. 55-61\). NOVA FCSH-CLUNL.](#)



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Seleciona para o teu projeto individual de leitura um dos títulos de Gonçalo Cadilhe, autor português que tem dedicado a sua vida a viajar e a escrever sobre viagens.

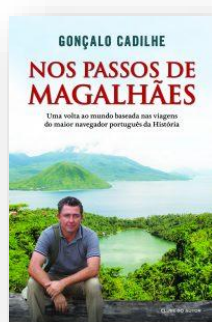


Imagem 1 – Capa da edição de 2020 de Gonçalo Cadilhe (2008), *Nos passos de Magalhães*. Editor: Clube do Autor

SINOPSE: *Ao longo de sete meses, percorrendo 15 países e atravessando três oceanos, Gonçalo Cadilhe seguiu a vida e as viagens de Fernão de Magalhães, o maior navegador português da História da Humanidade.*

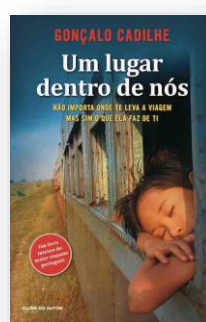


Imagem 2 – Capa da edição de 2026 de Gonçalo Cadilhe (2012) *Um lugar dentro de nós*. Editor: Clube do Autor

SINOPSE: *Porque cada um de nós é um imenso mundo por explorar, Gonçalo Cadilhe convida-nos a partir à descoberta do que somos e do que as viagens fazem de cada um de nós.*

Não sigas a minha viagem. Procura que a tua viagem surja dentro de ti.
Gonçalo Cadilhe